



dos avatares do crime, ele nos evoca as "perversões", o estranho canteiro em que, do fetichismo à necrofilia vicejam alguns dos fantasmas prediletos do Ocidente.

Em 1846 - como lembra Foucault - já se publicara na Alemanha uma *Psychopathia Sexualis*, escrita por Heinrich Kaan, e a locução era suficientemente corrente nos meios eruditos da segunda metade do século para que um periódico científico italiano circulasse sob o título de *Archivio delle Psicopatie Sessuali*. Foi no entanto o livro do Professor Krafft-Ebing, publicado pela primeira vez em Stuttgart há cem anos atrás, que fixou para um intenso consumo no século XX a marca, a imagem conjugada das "perversões sexuais". A dificuldade de acesso hoje e neste país àquela literatura "menor" concomitante impede que se aquilate com mais precisão as razões desse privilégio. Podemos inferir algumas dessas razões das informações gerais disponíveis sobre o campo intelectual em que floresceu e da análise da própria obra e seu cotejo com as marcas da questão da sexualidade ocidental nos últimos dois séculos.

Não é nada fácil porém trabalhar com a *Psychopathia Sexualis*. Por se tratar de um "livro de ciência" concebido um tanto sob a forma, tradicional em Medicina, de um tratado ou manual clínico (o seu sub-título explicita tratar-se de "um estudo médico-legal"), prevalecia, a cada uma de suas numerosíssimas edições o critério da "atualização" sobre o da "integridade" da obra. Todo um trabalho analítico extremamente interessante poderia ser feito portanto sobre a contínua variação que acompanha as doze edições remanejadas pelo próprio autor e as muitas que se seguiram à grande reordenação empreendida por Albert Moll para a republicação de 1923. Embora a primeira tradução para a língua francesa tenha sido publicada logo em 1892, creio poder afirmar que as diferentes traduções para as mais diversas línguas apoiaram-se sobre várias dessas edições. (2) Se le-

(2) Este próprio trabalho teve de se apoiar sobre duas versões bastante díspares, uma americana, baseada na última edição alemã "atualizada" pelo autor (KRAFFT-EBING, 1965), e uma argentina, baseada na tradução francesa da edição remanejada por Moll em 1923 (KRAFFT-EBING, 1955). Privilegiou-se porém em todos os casos a primeira.

vamos em conta, além do mais, que o cuidado nas inter-referências editoriais nesse período e nesse largo espaço variou muito (sobretudo nas edições "populares", de "vulgarização", quase de "escândalo"), assim como a toleranciada censura pública ou internalizada, poderíamos ter em mãos um intrincado mais interessantíssimo quebra-cabeças. Essas características fazem crer portanto que a generalizada popularidade do livro se deva a algumas invariantes básicas - sobre as quais justamente nos deteremos - garantidoras da pregnância do "mito" que se evolva dessa ciranda de versões.

É claro que as qualidades do autor não podem ser separadas do destino do livro. O Barão von Krafft-Ebing, nascido em Mannheim em 1840, teve uma carreira brilhante sob todos os aspectos. Aluno de Griesinger, que influiu o campo médico-psiquiátrico alemão do Romantismo (da *Naturphilosophie*) para o positivismo, ocupou várias posições acadêmicas importantes até atingir a cátedra de Psiquiatria e Doenças Nervosas da Real e Imperial Universidade de Viena em 1889, graças à influência de sua volumosa obra e ao renome de sua habilidade clínica e médico-legal. O período vienense, até sua morte perto de Gratz em 1902, coincidiu com o apogeu da brilhante floração cultural que caracterizou a capital imperial na passagem do século e o seu pensamento e influência acadêmica foram um elemento de peso nas lutas e polêmicas intelectuais ali travadas. O fato específico de seu interesse e ênfase na sexualidade tornava-o um interlocutor natural não só de seus colegas médicos, psiquiatras e juristas, mas de toda a intelectualidade circundante, fortemente comprometida com a discussão desse tema (cf. POLLAK, 1984 e JANIK & TOULMIN, 1973). Freud não deixa de citá-lo, aqui e ali, em sua obra, e contou com a sua benévola influência em pelo menos duas ocasiões para a afinal malfadada tentativa de incorporação ao quadro docente da Universidade de Viena (cf. JONES, 1970: 338-339).

Embora sua posição pessoal fosse um dos alvos do ataque pelas novas tendências de interpretação dos fatos psíquicos e psicopatológicos, consolidadas afinal no modelo freudiano, sua coerência pessoal e tolerância acadêmica pa-

recem ter feito dele uma espécie de ponte plausível entre o mundo do reducionismo fisicalista da psiquiatria oficial e tudo o que se passava a conceber quanto à realidade *sui generis* do psiquismo.<sup>(3)</sup> Essa hipótese não pode se ancorar porém no conteúdo explícito de sua obra, uma vez que ela é na verdade um exemplo acabado e minucioso do modelo fisicalista articulado pelo tema da degeneração. Sob este outro ponto de vista, a questão da popularidade e difusão da *Psychopathia* pode ao mesmo tempo ser encarada como um sintoma da generalizada difusão dos temas da "degeneração" e da "neurastenia"<sup>(4)</sup> e como um vetor de reafirmação e manutenção dos pressupostos do modelo de pessoa e perturbação implicado naqueles temas. É possível que se pudesse reconstituir todo um quadro social de representações sobre a sexualidade - pelo menos nos segmentos letrados das sociedades ocidentais - em que o consumo direto ou indireto da *Psychopathia* coincidissem com as áreas de resistência ou desconhecimento dos modelos psico-genéticos (ao estilo psicanalítico).

Em um sentido mais geral, pode-se porém creditar a difusão da *Psychopathia* ao fenômeno de hegemonização do dispositivo de sexualidade e sua conseqüente injunção do "falar sobre o sexo" (cf. FOUCAULT, 1977). Sob esse prisma alia a difusão dessa obra e de suas congêneres teria obedecido ao mesmo princípio responsável pela progressiva expansão e aceitação dos modelos de inspiração freudiana. As intenções moralizantes, edificantes e terapêuticas da *Psycho-*

(3) É conhecido o episódio em que Krafft-Ebing, que presidia a sessão de uma sociedade científica vienense ante a qual Freud acabara de expor e de ver mal recebidas suas hipóteses sobre o papel da sexualidade na etiologia da psicopatologia, comenta serem elas um "conto de fadas científico".

(4) Eles próprios parte do que chamei em outro trabalho de "configuração do nervoso" - cf. DUARTE, 1986, Cap. III.

*pathia* encontravam-se imersas em um impressionante "almanaque" de todos os comportamentos e sentimentos sexuais desviantes descritíveis e classificáveis à época, apresentados o mais freqüentemente sob a forma de "casos", o que deve tê-la feito desde logo incluível na avassaladora onda de literatura "pornográfica", ou de ficção "criminosa" ou "monstruosa", que então se firmavam como gêneros. Os prefácios de Krafft-Ebing e diversas passagens da obra, em suas diferentes edições, encontram-se recheadas de recomendações sobre o seu caráter "científico" e sobre a conveniência de sua circulação restrita. Fica claro porém desde o prefácio da primeira edição - e absolutamente explícito com a incorporação crescente de cartas e depoimentos de leitores nas edições posteriores - que o seu autor a desejava lida pelo maior número possível de pessoas, na expectativa de efeitos didáticos e terapêuticos.<sup>(5)</sup>

Sob um ponto de vista mais abstrato, o livro estava profundamente comprometido com uma questão tão grave quanto a da "responsabilidade" humana, fosse sob a forma geral - por assim dizer, "cosmológica" - com que ela passara a ter de ser reformulada desde a recusa dos modelos religiosos; fosse sob essa outra, mais prosaica, mas igualmente inquietante, da responsabilidade penal na moderna sociedade disciplinar. Esse era certamente outro de seus ganchos fundamentais com a problemática e o imaginário da época, tanto ao nível letrado quanto ao popular.

(5) Compare-se, por exemplo, as seguintes passagens da primeira e da décima-segunda edições, sucessivamente: "Ele (o livro) se dirige aos homens engajados no estudo sério dos domínios da filosofia natural e da jurisprudência médica. Um título científico foi escolhido e são utilizados ao longo do livro termos técnicos de modo a afastar os leitores leigos. Pela mesma razão vão certas partes escritas em Latim" (KRAFFT-EBING, 1965: VII); "O seu sucesso comercial é a melhor prova de que um grande número de pessoas infelizes encontra em suas páginas instrução e alívio nas manifestações freqüentemente tão enigmáticas da vida sexual" (KRAFFT-EBING, 1965: VIII).

- I. "O objeto deste tratado é simplesmente o de registrar as diversas manifestações psicopatológicas da vida sexual do homem e de reduzi-las às suas condições regulares" (KRAFFT-EBING, 1965: VI).

Krafft-Ebing considerava o seu trabalho como o resultado de uma "pesquisa científica" longa e dedicada sobre a *vita sexualis* (como ele tão freqüentemente chamava seu objeto). Sua formação acadêmica já se dera sob o clima de intensa reação positivista e fisicalista à *Naturphilosophie*, personificado pela figura marcante de Griesinger. Isso significava retornar aos princípios mais estritos da ciência natural iluminista e conceder às empresas da "observação" e da "classificação" um sentido formal estruturante.<sup>(6)</sup> Ao longo de seu período de vida desenrola-se uma desenfreada especulação e proliferação teórica em torno do estatuto do Homem, particularmente no tocante às questões - limite do crime e da loucura. Duas das idéias-chave de seu sistema de pensamento estavam sendo formuladas no mesmo período de sua vida: a teoria da "degeneração" de Morel, Moreau de Tours, Magnan e Moebius, e a teoria da "neurastenia" de Beard; amparadas elas próprias em temas da Fisiologia geral e nas marcas mais amplas da configuração do "nervoso". O "evolucionismo" já constituía o pano de fundo do pensamento acadêmico de sua formação, mas seria reforçado e infletido com o surgimento da obra de Darwin na década de 60.

O princípio da "observação" na Medicina e, particularmente, na Psiquiatria sofria algumas modificações a partir de seu modelo "fisiologista". Embora a dissecação do corpo e do cérebro fossem o paradigma e a fonte final da argumentação, passava-se a considerar cada vez mais como

(6) Griesinger afirmara em seu manual de 1845 que "as doenças mentais (Geisteskrankheiten) são doenças do cérebro (*Gehirnkrankheiten*)" (apud DECKER, 1979: 25).

uma fonte possível secundária mas importante, de "dados", de "evidência", a observação das características "externas" do corpo humano e, mesmo, do comportamento, das sensações e dos sentimentos. Pontes complexas armavam-se portanto entre a Neurologia (enquanto uma Neuro-Anatomia e Neuro-Fisiologia), a Psiquiatria, a Psicologia (tanto a mais antiga, "introspeccionista", quanto a "psico-fisiologia" então em voga) e a Antropologia (da frenologia à craniometria); todas comprometidas porém com os princípios do "fiscalismo": monismo naturalista, compromisso metodológico com o visível e o mensurável (e com a trilogia ontológico-metodológica da morfologia/fisiologia/patologia) e dependência da dualidade entre "orgânico" e "funcional" para a compreensão dos fenômenos da vida.

O princípio da "classificação", que tivera seu apogeu no século XVIII, permanecia singularmente vivo na Psiquiatria, enovelada em torno da convivência com as infinitas figuras da loucura herdadas da tradição médico-filosófica e com as mais variadas e díspares propostas decorrentes da intervenção das "fisiologias" iluminista e positivista. O que Foucault chamou de "Jardim das Espécies" ainda é uma boa imagem para as nosografias psiquiátricas novecentistas e - particularmente - para essa nebulosa que viria a se consolidar na obra de Krafft-Ebing justamente em torno dos "prazeres perversos". Veja-se que Krafft-Ebing lança mão de um vasto espectro de figuras de classificação psico-patológica ao longo da *Psychopathia*: Paranóia, Histeria, Melancolia, Mania, Demência Periódica, Epilepsia, Demência Paralítica (*Lues Cerebralis*), Demência Pós-apoplética, Debilidade Mental Adquirida, Idiotia e Hipocondria. Isso sem incluir nessa lista categorias como as da Neurastenia ou da Degeneração, por terem um estatuto muito particular para o autor, e nem tampouco outras, mais generalizantes, como Nervosismo, Insanidade, Psicose e Neurose. Um conhecimento mais minucioso e aprofundado do pensamento de Krafft-Ebing teria de passar pela incorporação dessas figuras (contra tantas outras disponíveis) à problemática da

pessoa; mesmo daquelas, primeiras, que segundo o autor, são mantêm com a "psicopatia sexual" uma relação incidental; uma vez que essas classificações não se sustentavam sobre princípios uniformes (como se supunha acontecer com as classificações botânicas e zoológicas) e a escolha de qualquer uma de suas combinações correspondia a uma verdadeira declaração de identidade dentro do campo médico-psiquiátrico.

A combinação muito peculiar de "observação" (com as características apontadas) e de "classificação" que sustenta o empreendimento de Krafft-Ebing pode ser percebida desde o exame do plano da obra, expresso no sumário. Há uma parte introdutória chamada de "Fragmentos de um Sistema de Psicologia da Vida Sexual", em que se acumula todo tipo de generalidades sobre o "instinto sexual", a "sensualidade" e o "amor", com uma ênfase particular nas questões da "evolução", da diferença entre os gêneros e nas relações do "amor" com a "religião", com a "arte" e com a "crueldade". Seguem-se dois capítulos de idêntico tamanho dedicados respectivamente aos "Fatos Fisiológicos" e aos "Fatos Antropológicos", o primeiro tratando basicamente do "funcionamento" e do "desenvolvimento" da *vita sexualis* e o segundo, da diferenciação "física" e "psíquica" entre os sexos.

O fulcro do livro é constituído pelo IV Capítulo, chamado de "Patologia Geral (Neurológica e Psicológica)" onde se apresentará e descreverá a frondosa árvore das "neuroses sexuais" com todas suas ramificações. Para compreender essa classificação é preciso ter em mente que a preeminência fisicalista e monista do "sistema nervoso" engloba uma oposição entre o que é "neurológico", "orgânico" (e está portanto associado à categoria da "neurose" ou "neuropatia") e aquilo que - a partir daí - se distingue como "*psicológico*", "funcional" (e está portanto associado à categoria da "psicose" ou "psicopatia"). Nesse sentido, embora a "raiz" da árvore esteja arraigada na mais literal corporalidade, sua "copa" (justamente o que é mais abundante, visível e notável) floresce em direções e sob formas que não podem ser linearmente deduzidas de seu "substrato". Isto

é o que explica - a meu ver - o uso da categorização de "neuroses sexuais" no começo desse capítulo, quando o autor procura apresentar o quadro classificatório a partir do seu fundamento no "sistema nervoso" e a progressiva ênfase nas categorias "psico", que terminam por se confundir com o todo da obra pela sua presença no próprio título: *Psychopathia Sexualis*. Esse deslocamento é paralelo à ênfase e importância concedidas às "perversões", que, se correspondem, por um lado, às "neuroses sexuais cerebrais", assumem, por outro, uma qualidade funcional tão complexa que chegariam a parecer "independentes" ou "autônomas" em relação à condição orgânica.

A classificação procede pela diferenciação dos lugares e concomitantes graus de gravidade das "afecções nervosas": neuroses "periféricas", neuroses "espinais" e neuroses "cerebrais". Estas últimas organizam-se, conforme as vicissitudes do funcionamento do "instinto sexual", em "paradoxia" (inadequação face aos processos fisiológicos), "anestesia" (ausência), "hiperestesia" (excesso) e "parestesia" (perversão). As figuras da "parestesia" são finalmente o *sadismo*, o *masoquismo*, o *fetichismo* e a *sexualidade antipática*. As três primeiras apresentam-se inicialmente separadas da última como espécies do gênero: "com inclinação sexual para o sexo oposto". Haverá porém para o autor possibilidades de combinações entre todas essas formas patológicas, inclusive entre as "cerebrais" e as "espinais" e "periféricas" (que se apresentam às vezes quase como "elementares" em relação às primeiras, "complexas" ou "superiores").

Há ainda dois capítulos finais, bem mais breves, que se voltam sucessivamente para as possíveis concomitâncias das figuras sexuais patológicas com as demais figuras psicopatológicas (listadas há pouco), e para "A Vida Sexual Patológica perante o Fôro Criminal". Enfim, as alianças da "perversão" com suas irmãs: a "loucura" e o "crime".

II.

"É um triste privilégio da medici-

na, e particularmente da psiquiatria, o de ter que testemunhar as fraquezas da natureza humana e o lado do avesso da vida" (KRAFFT-EBING, 1965: VII).

O exame das fontes dos dados para essa "observação" e sua conseqüente empresa classificatória nos revela um quadro bastante complexo. Creio ser possível fazer uma primeira grande distinção entre os chamados "casos clínicos", que constituem a espinha dorsal da argumentação, e a informação "literária"; por assim dizer. Os "casos" são majoritariamente oriundos da própria "experiência clínica" do Dr. Krafft-Ebing, mas há também todos os que podiam a essa altura ser consultados e transcritos da literatura especializada (tanto nos livros e manuais quanto nos artigos dos periódicos científicos ou em documentação jurídica penal). A informação "literária" incluía esse recorte já então crepuscular da tradição "médico-filosófica", representado na obra pelas referências a Galeno, Platão, Schopenhauer ou Hartmann; o recorte das referências a material de ficção literária, que inclui, no caso, Diderot, Balzac, Théophile Gauthier, Feydeau, Flaubert ou Zola; e o recorte dos testemunhos sobre a vida íntima de escritores, seja os explicitamente auto-biográficos, seja os que Krafft-Ebing considerasse depreensíveis das características de suas obras, como é o caso de Swift, Descartes, Rousseau, Goethe, von Kleist ou Baudelaire.<sup>(7)</sup>

Uma outra fonte de informação "científica" foi sendo cada vez mais importante para as re-edições e remanejamentos da obra: as cartas dos leitores, que freqüentemente correspondiam a longos testemunhos ou depoimentos, já referidos - evidentemente - às classificações, etiologias e

(7) Seriam na verdade incluíveis nesse caso tanto Sade quanto Sacher-Masoch; mas sobretudo este último, informante exclusivamente "literário".

propostas terapêuticas do Dr. Krafft-Ebing.

Toda essa informação poderia ser repassada sob a forma de referências breves ao longo de uma demonstração ou sob a forma integrada dos "casos", numerados em uma única seqüência por ordem de ocorrência em cada edição. Na edição remanejada pelo próprio Krafft-Ebing, que estou usando preferencialmente, esses casos chegavam a 238 e, na outra, revista por Moll, chegavam a 447. Como os casos eram freqüentemente substituídos nas re-edições por outros mais recentes ou "expressivos" é de se supor que o total das variações da obra abarque quase um milhar desses curiosos testemunhos; um autêntico *corpus ethnographicus* da vida social européia da passagem do século.

É muito difícil separar o uso desse complexo sistema de referências "empíricas" das referências "teóricas" em Krafft-Ebing. Todo o conjunto de operações implicadas na gigantesca produção e codificação da "experiência clínica", inseparável da triagem e apropriação seletiva de uma produção acadêmica e literária cada vez mais volumosas, constituía por si mesmo uma teoria em estado prático e dinâmico. Pode-se reconstruir hoje o quadro das referências teóricas que mais marcaram o seu pensamento, mas ele não é depreensível do sistema de referências explícitas. É assim que Moreau de Tours e Magnan - alguns dos principais formuladores da teoria da degeneração ou degenerescência - merecem um espaço em nada distinto do concedido a Lombroso, Tarde, Maudsley, Magnus Hirschfeld, Havelock Ellis, Albert Moll ou Fliess.

A rede de periódicos científicos especializados utilizada por Krafft-Ebing cobre trinta títulos alemães, austríacos, franceses, italianos, suíços, belgas e norte-americanos. São Anais, Boletins, Arquivos, Anuários, Gazetas ou Semanários, dedicados à Medicina, à Psiquiatria, à Neurologia, à Higiene, à Clínica, à Terapia das Doenças Nervosas, ao Direito Penal, à Medicina Legal, à Antropologia Criminal, à Psicologia e à Veterinária. Há porém alguns títulos bastante específicos, tais como o já citado *Archivio*

*delle Psicopatie Sessuali*, o *Zweifelhafte Geisteszustände* (Estados Mentais Duvidosos) e o *Jahrbuch für Sexuelle Zwischenstufen* (Anuário para Assuntos Sexuais Liminares), este último o veículo da atividade de Hirschfeld na Alemanha.

Talvez não seja irrelevante ressaltar a alta densidade das relações entre as pessoas e as instituições implicadas nesse campo intelectual, o que repercutia certamente sobre o fluxo das idéias, o estilo das referências cruzadas e "ênfases" ou "esquecimentos" específicos. A alta especificidade e detalhamento dos "casos", muitos referentes a personagens dos mesmos estratos sociais que os de seus clínicos-intérpretes ou parceiros-escritores, produziavam um efeito de reverberação imaginária bastante singular.<sup>(8)</sup> Foi na condição de auxiliar da clínica psiquiátrica de Krafft-Ebing que Gattel fez a pesquisa base de seu polêmico livro sobre a sexualidade (cf. DECKER, 1979: 135). Sabe-se a que grau de mal-estar levou a controvérsia sobre plágio a respeito da teoria da bissexualidade entre Freud, Fliess e Weininger, quando este publicou o seu *Sexo e Caráter* em 1903. Em um outro sentido, imagens tão fortes quanto as do insólito encontro entre Luiz II da Baviera e Sacher-Masoch, relatado por Wanda Sacher-Masoch (cf. DELEUZE, 1967: 300) ou a da notória terapia de Mahler por Freud, inspiram até hoje a procura de correlações irrelacionadas e reveladoras entre esse *corpus ethnographicus* e a pesquisa histórica e a crítica literária.

III.

"Caso 71. Z., de vinte e oito anos, oficial, mãe neuropática. O pai morreu cedo; não há informações sobre sua família ou saúde. Z. foi desde a infância nervoso e impressionável; começou cedo a

(8) Ver a esse respeito as explícitas considerações e mapeamentos fornecidos nos livros de JANIK & TOULMIN (1973) e POLLAK (1984).

se masturbar por sua própria conta: tornou-se neurastênico com a puberdade, evitou o onanismo por algum tempo, mas era frequentemente perturbado por poluições; recuperou-se um pouco em um instituto hidropático; sentiu uma forte libido em relação a mulheres, mas nunca foi bem sucedido no coito, parte por insegurança em relação a sua potência, parte por medo de infecção" (KRAFFT-EBING, 1965: 175).

O caso em epígrafe - escolhido um tanto ao acaso - apresenta algumas das principais características do gênero, evocando as linhas múltiplas com que agora se procurará produzir o modelo de Pessoa presente na obra de Krafft-Ebing (para depois explorar o sentido e características específicas da *libido sexualis*). Creio porém que o leitor moderno inadvertido pode fazer uma leitura de seu texto fortemente distante do que efetivamente o justificava em sua época. Induziriam a isso a presença de categorias que deixaram quase completamente de ter um significado forte em nossa cultura, tais como "neuropatia", "neurastenia", ou "hidropatia"; mas também - e sobretudo - a ilusão de continuidade com tantas outras ainda hoje utilizadas, em sentidos tão diferenciados.

O primeiro sinal desse deslocamento é o de que muito provavelmente não se percebe na leitura do texto o "físicalismo" fundamental que o autoriza. Muito pelo contrário, na medida em que o autor está fazendo referência a fatos "morais" e "sentimentos", pode-se até supor uma aproximação do mundo das representações "psicanalisantes" ou "psicologizadas" modernas. As referências ao pai e à mãe do

paciente na verdade, porém, visavam averiguar a existência dos sinais da "degeneração", das "taras hereditárias", que constituíam o primeiro plano de realidade sobre o qual podiam se constituir as identidades perversas.

O primeiro plano de observação/averiguação possível em relação à "degeneração" era justamente o da ascendência do paciente; o que abarcava uma vasta gama de informações sobre o maior número possível de gerações e de cognatos. Os principais sintomas reconhecíveis eram o da existência de qualquer presumida perturbação "nervosa" (neuropática ou psicopática), de comportamento criminoso (mesmo que não explicitamente psicopatológico), de traços "desviantes" de comportamento (tais como excesso de bebida, vício do jogo, etc.) ou de algumas doenças específicas (tais como a sífilis ou a tuberculose). Essas condições eram o mais das vezes presumidas, e é possível que a inocente referência - no exemplo citado - à morte precoce do pai pudesse querer indicar a eventualidade de algum desses distúrbios sintomáticos.

A existência desses "sinais" nos ascendentes era não só indicadora de sua própria condição "degenerada", como uma garantia quase certa da "degeneração" do descendente, manifestável ou não em um novo florescimento de sintomas patológicos.

A característica mais notável do modelo da "degeneração" é a sua condição de vetor físico-moral. Isso significa que ela permitia pensar um modo de articulação entre fenômenos "físicos" e "morais", que não parecesse contraditório com a ordem de valores mais abrangentes a que se subordinava: a do "fiscalismo". O dualismo físico/moral correspondia nesse caso e dependia estreitamente do dualismo orgânico/funcional, cuja importância já foi acentuada. Essa capacidade "físico-moral" atravessa os três níveis em que se apresenta o modelo da "degeneração": o da hereditariedade, o da irritação e o da neurastenia.

A "degeneração" era um fenômeno absolutamente dependente da hereditariedade. Sua existência na verdade só po-

dia se configurar trans-generacionalmente, através da hipótese da herança de determinadas "taras" físicas, orgânicas, produtoras ou propiciadoras de distúrbios morais, funcionais. A sexualidade era portanto duplamente fundamental; já por atravessar toda a vida do sujeito e ser o vetor de diversos dos "acidentes" degeneratórios, já por determinar o próprio modo e condições do ato reprodutor, constituidor de sua descendência.

Os diversos fenômenos ligados à "degeneração" dependiam de uma série de características atribuídas ao "sistema nervoso", todas elas derivadas de uma ou outra das qualidades propostas ou descritas pela Neuro-Fisiologia desde o começo do século XVIII. Creio que o núcleo de idéias em torno da "irritação" e da "irritabilidade" possa centralizar aqui todo esse complexo quadro. Na citação exemplar, o tema é introduzido pela categorização de "impressionável" atribuída ao paciente logo após o universal "nervoso". Com este termo designava-se um dos múltiplos efeitos "morais" devidos à alteração das condições normais dos "nervos": fracos, tensos, impressionáveis, irritáveis, abalados, extenuados, excitados ou saturados. O tema da "convulsão" (e com ele o da "epilepsia") pode ser considerado como outra das figuras do quadro; assim como o da "intoxicação" e o da "masturbação". Estes últimos constituíam os pontos de ataque centrais do movimento higienista, seja diretamente, como no caso da masturbação, seja indiretamente, como na intoxicação; propício à denúncia dos males e vícios da civilização urbana.

A questão da "neurastenia" ou "astenia nervosa" também correspondia a uma alteração do estado "nervoso", fazendo uso porém aqui da figura da fraqueza no lugar da irritação. Essa fraqueza podia ser geral, ou seja, afetar toda a pessoa, por intermédio do "sistema nervoso", ou "sexual", afetando o segmento periférico, espinal ou cerebral do suporte daquela função. A condição de "neurastênico" ou "fraco dos nervos" era, como as demais, físico-moral, e nesse sentido enfeixava um conjunto de manifestações ou es-



tados físicos e morais que mantinham entre si relações de causa e efeito circulares e multidirecionais.

As três figuras da hereditariedade, da irritação e da neurastenia se interpenetravam intimamente na dinâmica da "degeneração". Nas histórias clínicas da *Psychopathia Sexualis* o papel de catalisador de todos esses temas era quase sempre assumido pela "masturbação", esse terrível "onanismo" a que se refere o caso da epígrafe. Possibilitado ou facilitado pela "tara hereditária", provocador ele mesmo de uma crescente "excitação" ou "irritação" dos nervos, que é concomitante de uma "fraqueza" ou "neurastenia" (manifesta tanto ao nível do corpo quanto do caráter), ele acaba por expor sua vítima, alternativa ou concomitantemente, à tríade maldita da loucura/crime/perversão. Seus próprios atos, nesse sentido, acrescentarão à carga hereditária um ainda maior grau de degeneração a ser legado à geração seguinte.

Foucault chamou a esse modelo, "conjunto" ou "sistema perversão/hereditariedade/degeneração", considerando-o como o "núcleo sólido das novas tecnologias do sexo" (FOUCAULT, 1977: 112). A análise da *Psychopathia Sexualis* confirma plenamente sua proposta. Toda a descrição, diagnóstico, etiologia e terapêutica das "perversões" encontram-se aí apoiadas nesse núcleo de representações, que constitui um esquema interpretativo capaz de dar conta de todos os fenômenos do humano, "normais" ou "patológicos".

Se é verdade, por um lado, que as questões morais devem ser consideradas, na lógica do modelo, como "funcionais" ou "epifenomenais" em relação à determinação física, há também, por outro lado, efeitos de retorno do nível moral sobre o nível físico, desde que - supostamente - essas "funções" não estejam totalmente toldadas ou subvertidas pela gravidade do estado de degeneração. Quase toda a terapêutica posta em prática pelo Dr. Krafft-Ebing estava aliás ancorada na expectativa de alguma independência do "caráter" ou da "vontade" que pudessem - ajudados pela "sugestão" e pelo "conhecimento" - restaurar uma ordem de "res-

ponsabilidade" pessoal. Veja-se a importância da referência, no caso citado, ao fato do paciente ter "evitado o onanismo por algum tempo". Resistir ou sucumbir à tentação da "masturbação" era aliás o critério básico de avaliação dos sujeitos: avaliação de sua "resistência" moral e de sua condição hereditária.

Não é possível compreender a lógica do modelo da "degeneração" (e de toda a configuração do "nervoso" de que ela faz parte), sem mencionar o que chamei em outro trabalho já citado de "males da civilização". Veja-se como o próprio Krafft-Ebing se exprimia a respeito dessa questão na edição de 1895 da *Psychopathia*, que aqui transcrevo de uma referência de Freud: "O modo de vida de um sem número de povos civilizados da atualidade apresenta uma grande quantidade de aspectos *anti-higiênicos* que explicam o *nocivo incremento de doenças nervosas*, pois esses fatores atuam primordialmente sobre o cérebro. As transformações ocorridas nas últimas décadas nas condições políticas e sociais das nações civilizadas, especialmente no comércio, na indústria e na agricultura, acarretaram grandes mudanças nas atividades profissionais dos indivíduos, em sua posição social e na propriedade - tudo isso às custas do *sistema nervoso*, que deve atender ao aumento de exigências sociais e econômicas com um maior *dispêndio de energia*, do qual freqüentemente tem insuficientes oportunidades de recuperar-se" (*apud* FREUD, 1977: 190). Creio que fica aí bem descrito como a mesma dinâmica patogênica do "sistema nervoso" antes referida pode ser desencadeada ou ensejada por uma causalidade supra-individual, sinal ela própria de uma "degeneração" social ou cultural. A concomitância desses processos ao nível da pessoa e da sociedade era mesmo a chave-mestra de todo o movimento higienista, comprometido com o saneamento universal.

## IV.

"(...) o instinto sexual foi isolado como instinto biológico e psíquico autônomo; fez-se a análise

*clínica de todas as formas de anomalia que podem afetá-lo; atribuiu-se-lhe um papel de normalização e patologização de toda a conduta; enfim procurou-se uma tecnologia corretiva para tais anomalias."*

(FOUCAULT, 1977: 100).

Foram necessárias algumas considerações um tanto genéricas para melhor iluminar o papel e o sentido que o sexo e a sexualidade portavam na *Psychopathia* (e particularmente o sexo perverso). O processo descrito por Foucault na epígrafe foi por ele chamado de "psiquiatrização do prazer perverso" e assim considerado como um dos "quatro grandes conjuntos estratégicos que desenvolvem dispositivos específicos de saber e poder a respeito do sexo" (*ibidem*).

Com efeito, a obra de Krafft-Ebing - e sua consequente consolidação de um quadro imaginário consolidado das perversões sexuais - foi uma peça fundamental do grande processo de autonomização, de segmentação da "sexualidade", paralelo da Modernidade. É muito curioso como o relato por Krafft-Ebing de alguns de seus casos revela a inicial indisposição dos pacientes em "falar sobre o sexo" e a eficácia da delicada docência que os tornará loquazes à exaustão - alimentando a loquacidade dos psiquiatras, dos juristas, dos moralistas, dos jornalistas, até a nossa, hoje, dos cientistas sociais.<sup>(9)</sup>

(9) Vale a pena ressaltar um aspecto pouco conhecido e muito vívido dessa autonomização, ocorrido a essa época com a língua alemã. A palavra tradicional para designar "sexo" era *Geschlecht* (adjetivo *geschlechtlich*), que significava na verdade "ao mesmo tempo" gênero e descendência ou herança de sangue. A exigência de desentranhamento exigiu num primeiro momento o recurso ao uso do termo latino, supostamente unívoco (como era o caso da *vita sexualis* e do próprio título do livro de Krafft-Ebing) e logo em seguida a importação do adjetivo *sexuelle* e do radical *Sexual* - que já são correntes em Freud.

A categoria "vida sexual" em Krafft-Ebing recobre uma série de locuções importantes relativas a essa ordem de fenômenos: libido sexual, desejo sexual, instinto sexual, função sexual, prazer sexual. Todo o primeiro capítulo de seu livro está comprometido em descrever o escoregado personagem, em definir os seus contornos, suas qualidades e seus perigos. O primeiro ponto da série é o da relação entre a sexualidade e o modelo do *Homo Duplex*: "O homem se nivela imediatamente com o animal quando procura satisfazer exclusivamente o desejo sensual, mas se eleva a uma posição superior se, sabendo domar o desejo animal, combina com as funções sexuais idéias de moralidade, do sublime e do belo" (KRAFFT-EBING, 1965: 1). Ou ainda: "Um ambiente ético é necessário para elevar o amor até a sua forma pura e verdadeira, mas, não obstante, a sensualidade será sempre a sua base principal" (*ibidem*: 13). O "instinto sexual" e o "desejo sexual" ou "sensualidade" são assim pensados como fenômenos da corporalidade mais estrita e, nesse sentido, equacionados com o lado "animal" do "humano". São um fato fisiológico e uma fatalidade ligada à "perpetuação das espécies" (*ibidem*: 25).

O segundo ponto é o de que esse "instinto primário" é suficientemente poderoso e plástico para estar na raiz do que há de melhor no humano: "A vida sexual é sem dúvida esse poderoso fator das relações individuais e sociais do homem que lhe abre os poderes da atividade, da aquisição de propriedade, do estabelecimento de uma casa, e do despertar dos sentimentos altruísticos para com uma pessoa do sexo oposto, para com os seus próprios assuntos e para com o conjunto da raça humana" (*ibidem*: 1). Essa mesma capacidade de "fonte universal" da sexualidade (que não deixa de lembrar os atributos da *libido* no modelo freudiano) tem porém como corolário um imenso potencial de perigo. Pode "degenerar nos mais baixos vícios e paixões", como disse Krafft-Ebing num trecho já citado e pode destruir a própria condição humana: "O amor sem limites é um vulcão que tudo queima e devasta ao seu redor; é um abismo que tudo

devora: a honra, a substância e a saúde" (*ibidem*: 2).

Essa força - em sendo física - pode ser estudada como um objeto natural. Ela se expressa em uma anatomia, funciona através de uma fisiologia e pode produzir uma patologia - como tudo o que vive na natureza. Quando se descreveu aqui o plano da *Psychopathia*, transpareceu, sob o modo da organização das perversões, o modo de organização de toda a vida sexual: sua ancoragem na matéria nervosa, sua dependência da tripartição do sistema (cerebral, espinal e periférico) e sua divisão entre o "orgânico" e o "funcional". Não se fez referência então a dois problemas específicos desse modelo. O primeiro é o do grau de autonomia ou de influência dos "órgãos sexuais" ou "genitais" face ao "sistema nervoso" e sua sede cerebral. O segundo é o das "localizações cerebrais" - essa idéia fixa do século XIX. Ambos os problemas - que o eram para todo o campo intelectual de Krafft-Ebing - recebem o tratamento tentativo possível para os seus próprios termos. Imagina a solução de uma autonomia subordinada para o primeiro caso - e isso justificará em parte as freqüentes informações constantes nos casos clínicos sobre o estado das partes sexuais dos pacientes. Considera correta mas ainda imprecisa a teoria das localizações - o que o levará por exemplo a uma extensa especulação sobre a vizinhança no cérebro dos centros sensoriais sexual e olfativo, dadas as supostas correlações que ainda existiriam no homem (embora mais atenuadas do que no animal) entre odor e desejo sexual. (10)

A representação da "sexualidade" na *Psychopathia* passava ainda pela questão da evolução da humanidade e dos ciclos de evolução e decadência das "civilizações". Como dizia Krafft-Ebing: "É de grande interesse psicológico acompanhar o desenvolvimento gradual da civilização e a influência exercida pela vida sexual sobre os hábitos e a morali-

(10) Essa especulação chega a vincular os dois problemas ao discutir a possibilidade de considerar o nariz como um "órgão sexual", citando, entre outras, as famosas propostas de Fliess a esse respeito (KRAFFT-EBING, 1965: 30).

dade" (KRAFFT-EBING, 1965: 2). Com efeito, esse desenvolvimento parecia corresponder a um "progresso lento" mas certo da "moralidade" sobre o "instinto animal", que ainda se poderia ver exposto sem peias nas "raças selvagens". A hipótese da promiscuidade primitiva encontra-se aí em toda sua pujança, acompanhada pela idéia da força crescente e civilizatória da "vergonha". Uma versão da hipótese da recapitulação aproxima os "altos e baixos da vida sexual do indivíduo" dos períodos de avanço, estagnação ou decadência da moralidade coletiva. A intermediação do "sistema nervoso" é ainda aí necessária para dar conta da relação entre o estado de civilização e os espantosos fenômenos de "luxúria", "deboche", "efeminação", "depravação" e "adultério" que tenderiam a acometê-lo. "A tensão exagerada do sistema nervoso" - diz Krafft-Ebing - "estimula a sensualidade, leva a excessos tanto o indivíduo quanto as massas e solapa as próprias fundações da sociedade, e a moralidade e pureza da vida familiar" (*ibidem*: 6). As grandes cidades eram vistas como "os viveiros em que são geradas as neuroses e a baixa moralidade" (*ibidem*: 7).

A sexualidade é explorada ainda por Krafft-Ebing em suas relações com três temas que teriam com ela - a seu ver - um forte parentesco: a religião, a arte (ou a criação) e a crueldade. Dois círculos de relações se estabelecem entre esses elementos. O primeiro enlaça a sexualidade, a religião e a crueldade. O segundo, a sexualidade, a religião e a arte. O círculo que desemboca na crueldade funda-se na idéia de que há um misticismo ou transcendentalismo comum ao amor sexual e à religião que, quando exacerbado ou frustrado, pode desembocar nos mais lamentáveis excessos. (11)

O outro círculo supõe que na raiz dos elevados sentimentos que compõem a experiência religiosa ou artística estejam emanações de excitação sexual ativa, insatisfeita

(11) "A hiperestesia religiosa e sexual mostra no ápice de seu desenvolvimento o mesmo volume de intensidade e a mesma qualidade de excitação e pode portanto se deslocar, dadas certas circunstâncias. Ambas, em certos estados patológicos, irão degenerar em crueldade" (KRAFFT-EBING, 1965: 11).

ou posta em repouso. Essas associações - que poderiam lembrar a argumentação freudiana em torno de conceitos tais como os de "recalque" e "sublimação" - são na verdade, modos indiretos, implícitos de introduzir as grandes "perversões", de um modo que logo se esclarecerá.

É preciso antes, porém, completar o quadro geral da sexualidade em Krafft-Ebing pela rápida evocação de sua variação entre o homem adulto, a mulher e a criança. "O homem - diz nosso autor - tem fora de dúvida o apetite sexual mais forte dentre os dois. Desde o período da puberdade ele é instintivamente atraído pela mulher. O seu amor é sensual e a sua escolha é fortemente motivada pela atração física. Um poderoso impulso da natureza torna-o agressivo e impetuoso em sua corte. A lei da natureza não preenche inteiramente, porém, o seu ser psíquico. Ao obter o prêmio, seu amor é temporariamente eclipsado por outros interesses vitais e sociais" (*ibidem*: 14). Já a mulher "tem o seu favor requestado. Permanece passiva. É o que exige a sua organização sexual e é nisso ajudada pelos ditames da boa educação. A consciência sexual, é no entanto, mais forte nela do que no homem. A sua necessidade de amor é maior, contínua e não periódica; mas seu amor é mais espiritual do que sensual. O homem ama a mulher em princípio como sua esposa e só então enquanto mãe de seus filhos. Já na mulher o primeiro lugar no coração é o do pai da criança, e só o segundo é o do esposo. A mulher é influenciada em sua escolha mais pelas qualidades mentais do que pelas físicas" (*ibidem*: 14). Essa distinção, que não tem nada de original em relação às representações correntes à época sobre os gêneros, não é irrelevante para o modo de constituição da experiência perversa. É assim que o "fetichismo" - que é a perversão que está mais próxima das fontes da sensualidade - aparece na *Psychopathia* quase como que incompatível com o gênero feminino; enquanto que a "sexualidade antipática" se distribuiria irmãmente entre os dois.

A definição da sexualidade infantil tem um interesse muito particular, por permitir compreender melhor a hi-

pótese endossada por Krafft-Ebing do "trauma psíquico", ou seja, a de uma "impressão causada ao tempo do despertar do instinto sexual" com repercussões duradouras sobre a vida do sujeito. Essa hipótese era muito importante para que se pudesse sustentar a distinção entre perversão "congenita" e "adquirida", cerne de uma acirrada polêmica então em curso. "O instinto e o desejo sexual permanece latente - a não ser por indistintos sentimentos e impulsos - até o período de desenvolvimento dos órgãos sexuais. A criança é *generus neutrius*; e embora durante esse período latente (quando a sexualidade ainda não atingiu uma clara consciência, encontra-se apenas virtualmente presente e não vinculada a poderosas sensações orgânicas) possa ocorrer uma excitação anormalmente precoce da genitália - seja espontaneamente, seja como resultado de influências externas - e até mesmo satisfação pela masturbação; ainda assim encontra-se absolutamente ausente a *relação psíquica* com pessoas do sexo oposto e os atos sexuais apresentam nesse período um caráter mais ou menos reflexo e espinal" (KRAFFT-EBING, 1965: 283). Pode-se ver portanto, transposta para o plano do desenvolvimento ontogenético, a oposição entre o "orgânico" e o "funcional" em sua plena capacidade de estruturação. A vida sexual infantil não é completa porque ainda não se deu o completo desenvolvimento dos "órgãos" a ela relacionados. Sua presença é imprecisa e fraca, dependendo não do cérebro, mas do nível espinal da organização nervosa. Nesse sentido, tampouco podem existir as "funções" superiores da sexualidade (a "consciência", a "relação psíquica"), por não haver órgão a que possam corresponder.

A questão dos "traumas psíquicos" fica assim mais clara. Trata-se do resultado de "excitações", "impressões" excessivas sofridas por um aparelho nervoso ainda incapaz de absorvê-las normalmente. Dado o caráter impreciso e flutuante dos "sentimentos sensuais" nesse período, com eles podem ocorrer "associações" que perdurarão indelêveis no fundo das "perversões". Seriam justamente os diferentes modos, momentos e qualidades dessas "impressões" e "asso-

ciações" que responderiam pela multiplicidade das perversões entre si e dos estilos e variações dentro de cada uma. É preciso não esquecer porém que esse modelo era inseparável da hipótese da degeneração, que produzia as chamadas "predisposições" às experiências traumáticas. (12)

Não será possível examinar aqui com mais atenção a produção de cada uma das grandes figuras da "perversão", as suas infinitas variedades e condições de florescimento. Cada uma por si mereceria um estudo acurado, mas remete, ao mesmo tempo, para tradições de análise crítica específicas, abundantes e divergentes. Para a exposição do ponto final desta análise da *Psychopathia Sexualis* - a questão da terapêutica - farei um tanto mais referência à "sexualidade antipática", que tem na obra um estatuto privilegiado em diversos sentidos. (13)

Como chamei atenção anteriormente, o plano da obra procura levar do mais "orgânico" ou "neurológico" (ou do mais simples nível do "neurológico" ao mais complexo) para o mais "funcional" ou "psicológico". A "sexualidade antipática" coroa, nesse sentido, o projeto da obra, assim como coroaria no plano da vida a própria série das perversões; na medida em que ela seria a que mais se distanciaria da determinação orgânica e a que estaria, destarte, mais próxima das funções superiores da "consciência" e da "moralidade". Não é aleatório portanto que o maior número de informações sobre a "terapêutica" apareça no contexto da exploração dessa "perversão": haveria só aí uma afinidade mais propícia entre a qualidade da patologia e a forte ênfase "moral" dos tratamentos.

O modelo terapêutico de Krafft-Ebing, coerente com o caráter "físico-moral" da etiologia, incorpora recursos

(12) Uma notória polémica opôs Krafft-Ebing a Schrenck-Notzing, que recusava a hipótese da "congenitalidade" (cf. KRAFFT-EBING, 1965: 216 e DECKER, 1979: 241).

(13) Veja-se que diversas edições da obra, inclusive a aqui citada, apresentavam como primeiro sub-título "Com especial referência ao Instinto Sexual Antipático".

"físicos" e "morais". Os "físicos" estavam associados sobretudo à "neurastenia" e visavam o "fortalecimento" do organismo, através de uma intervenção sobre o "sistema nervoso". Podiam compreender a ministração de drogas ou medicamentos (como os "tônicos" que então surgiam justamente para tal fim) e as famosas curas hidropáticas (mistura de "banhos", "massagens", vida ao "ar livre", afastamento das influências urbanas perversas). Um exemplo de "receita" incluía a indicação da temperatura do banho de imersão e dosagens de um extrato botânico, de um anti-pirético e de brometo de potássio (supostamente um moderador da disposição sexual) (cf. KRAFFT-EBING, 1965: 453).

O tratamento moral estava baseado fundamentalmente na idéia da "sugestão", que podia ser tentada pelos meios convencionais da persuasão, do esclarecimento e da advertência; mas que tinha na "hipnose" o seu recurso por excelência. São descritos diversos casos de sugestão hipnótica considerados bem sucedidos e exemplares. Não se deixava de considerar porém como primeira e mais favorável condição para o tratamento a disposição do paciente, sua força de vontade, a expressão de um senso moral minimamente "elevado" e a consciência da repercussão de seus atos e interesses. Há nesse sentido uma forte disposição anti-asilar por parte do Dr. Krafft-Ebing, ou, pelo menos, uma convicção da sua nula capacidade terapêutica.

A maior ou menor ênfase "física" ou "moral" da terapêutica dependia evidentemente do diagnóstico produzido. Nesse caso - e na impossibilidade de realizar dissecações cerebrais sem destruir o paciente<sup>(14)</sup> - havia uma quase total dependência das informações obtidas oralmente, em estado normal ou hipnótico. "O diagnóstico - diz Krafft-Ebing -

(14) A realidade do desejo dessa condição-limite pode ser comprovada pelas numerosas descrições de exames *post-mortem*, de que transcrevo o seguinte exemplo: "O exame do cérebro não apresentou nada de incomum no tocante à arquitetura e ao arranjo das convoluções. Peso do cérebro: 1150 gramas. Crânio ligeiramente assimétrico. Nenhum sinal anatômico de degeneração. Genitália interna e externa sem anomalias" (KRAFFT-EBING, 1965: 416).

deve ser encontrado na anamnese, na etiologia, na *vita antea*, no desenvolvimento psico-sexual do caso" (*ibidem*: 444). Em diversos momentos, Krafft-Ebing se refere ao problema da "veracidade" dos discursos obtidos, sobretudo no tocante às pessoas oriundas dos estratos inferiores da sociedade ou que lhe chegassem pelas mãos da justiça criminal (e que não estivessem portanto "dispostas" ou moralmente comprometidas com o "tratamento"). Em todos esses casos, porém, não estava descartada a utilização concomitante de toda uma outra série de sinais físicos (exteriores) ou comportamentais, supostamente indicadores da "degeneração" ou de "neurastenia". No caso da "sexualidade antipática" esses sinais eram particularmente importantes para a determinação fina de cada uma de suas multifórmes ramificações, ainda mais uma vez escalonadas dentro do contínuo que ascende do "orgânico" para o "funcional".

Todo esse processo de argumentação tinha como um corolário importante a distinção entre "perversão" e "perverseidade". Irmãs na atualização do mesmo tipo de fatos, a segunda se distinguiria da primeira pela ausência de qualquer sinal ou evidência de "degeneração". Teríamos aí portanto um sujeito moral pleno, senhor de sua responsabilidade, livre do peso determinante das "taras". A consecução de atos "perversos" por parte de tais sujeitos deveria portanto ser creditada seja a um jogo de circunstâncias fortuitas muito específicas (como o *coitus inter homines* em prisões, por exemplo), seja à deliberada disposição de infringir as normas morais ou legais. É claro que essa distinção seria fundamental todas as vezes em que esses atos atingissem uma condição criminal e exigissem o parecer dos especialistas médico-psiquiátricos. Essa é porém toda uma dimensão distinta do sentido da obra de Krafft-Ebing, que ultrapassa estoutro a que propus me ater, de revelar as marcas da representação sobre o "sexo" e a "sexualidade" em um dos instigantes monumentos que balisam a emergência e a hegemonia desse fenômeno central da Modernidade.

## ABSTRACT

This is an exercise concerning the modern ideology of sex and sexuality through the exegesis of one its pristine icons, Krafft-Ebing's *Psychopathia Sexualis*. There is a brief exposition of the academic, intellectual field of the author, of the inner structure of the book, and the analysis of Krafft-Ebing's categories of thought about the person (mostly in connexion with the themes of *nervousness* and *degeneracy*).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DECKER, H.S., 1979 - *Freud in Germany. Revolution and Reaction in Science. 1893-1907*. 360p. International University Press, New York.
- DELEUZE, G., 1967 - *Présentation de Sacher-Masoch*. 227p. Minuit, Paris.
- DUARTE, L.F.D., 1986 - *Da Vida Nervosa (nas Classes Trabalhadoras Urbanas)*. 290p. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro.
- FOUCAULT, M., 1977 - *História da Sexualidade I: a Vontade de Saber*. 152p. Graal, Rio de Janeiro.
- FOUCAULT, M., 1978 - *História da Loucura*. 551p. Perspectiva, São Paulo.
- FREUD, S., 1977 - "Moral Sexual 'Civilizada' e Doença Nervosa Moderna". *Obras Psicológicas Completas 9*: 187-208. Imago, Rio de Janeiro.
- JANIK, A. & TOULMIN, S., 1973 - *Wittgenstein's Vienna*. 314 p. Simon & Schuster, New York.
- JONES, E., 1970 - *Vida e Obra de Sigmund Freud*. 2 vols. 779p. Zahar Editores, Rio de Janeiro.
- KRAFFT-EBING, R., 1955 - *Psicopatía Sexual (Estudio Médico-Legal para Uso de Médicos y Juristas)*. 840p. El Ateneo, Buenos Aires.